

O capitalismo vai resistir?

por Mário Soares

À questão que serve de título a esta crónica – e que se põe hoje à consciência de tantos cidadãos – há que antepor outra: de que espécie de capitalismo estamos a falar? A resposta é, aparentemente, simples: da fase actual do capitalismo financeiro e especulativo, também chamada, por alguns, “capitalismo de casino”, que implica a “teologização” do mercado, que se desenvolveu, nos anos da globalização desregulada, sem regras éticas e sem preocupações sociais nem ambientais. Uma loucura!

Esse tipo de capitalismo que acreditava na “mão invisível” e na auto-regulação do mercado, acabou, sem glória – há que tomar consciência disso – com a gravíssima crise financeira que os Estados Unidos estão a viver, dramaticamente e cujo modelo quiseram impor ao Mundo. Crise que está hoje a ter reflexos muito graves na Europa, na Rússia, na China e em outras regiões. É uma questão de tempo...

Contudo, custa a aceitar, mesmo aos grandes responsáveis que a provocaram, até agora impunes, que é fundamental mudar o modelo económico neo-liberal, para que o Ocidente não entre numa decadência irremediável. E julgar e condenar os culpados. Não basta injectar setecentos mil biliões de dólares do dinheiro público (ou seja dos contribuintes) para salvar da falência bancos e seguradoras, para tudo se resolver, como Bush se propõe fazer, com o seu plano de emergência, “para evitar um colossal desastre”, sem qualquer sentido de auto-crítica. Em primeiro lugar, porque é duvidoso que isso possa resolver o gravíssimo problema estrutural, com que se debate a América. E, em segundo lugar, porque a negociação que se lhe seguiu, no Congresso, tem-se revelado extraordinariamente complexa, nas suas consequências e continua difícil - apesar das notícias em contrário de que tinha havido acordo - de modo a encontrar um consenso, na fase mais aguda da campanha eleitoral. Sobretudo, quando o que está em jogo é: se há ou não lucidez e força para mudar o paradigma neo-liberal, até agora seguido, e julgar os responsáveis; ou se, pelo contrário, o que se pretende é apenas “mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma”, como dizia um personagem de Lampedusa, no seu famoso romance “Il Gattopardo”...

O capitalismo, desde o séc. XVI – o das grandes descobertas – atravessou várias fases: comercial; industrial, na época da Revolução Industrial; e depois da hecatombe da II grande guerra – dada a rivalidade do Mundo Comunista – com a experiência do New Deal e as da social-democracia escandinavas, surgiu um capitalismo com uma forte dimensão social, do pleno emprego, exigido pelos parceiros sindicais, e das sociedades chamadas “de bem estar”, dos “trinta gloriosos anos” da Europa do post-guerra.

Tudo isso, porém, passou a ser contestado, com a chegada ao poder da Senhora Thatcher e, depois, de Ronald Reagan. O colapso do comunismo (1989-1991) criou condições para o desenvolvimento da teoria do hegemonismo e do unilateralismo americano, que chegou com George W. Bush e a ascensão dos neo-cons, ultra-liberais, no plano económico, para quem o mercado – e o dinheiro – são ideais e valores supremos. Foi a fase da globalização neo-liberal, sem qualquer regulação, das fusões de bancos e das deslocalizações de empresas, das grandes negociatas e escândalos financeiros, dos “paraísos fiscais”, do monstruoso crescimento do deficit da dívida pública dos Estados Unidos, suportado pela compra dos títulos do Tesouro Americano, pela China, pela Rússia e pelos potentados do petróleo da zona do Golfo.

Pois bem, foi essa fase do capitalismo de casino que agora chegou ao fim. Que se lhe segue? Infelizmente, não há condições internacionais que permitam apresentar alternativas, com um mínimo de consistência. O regresso a modelos sociais e ambientais parece impor-se. É aqui que surge o socialismo democrático ou a social-democracia, desde que regulado por princípios éticos e respeite a economia de mercado.

De repente, de todos os lados, começa a gritar-se que é a hora da Esquerda. Mas qual Esquerda? Obviamente, da Esquerda reformista, com ampla componente sindical, social e ambiental, embora esteja hoje um pouco desacreditada por ter pactuado com o neo-liberalismo, nos últimos anos. Há, por isso, que repensar a Esquerda, como estão a fazer, por exemplo, o SPD e o PS francês e talvez, em surdina, o trabalhismo inglês. Mas bastante depende, também, do resultado da eleição americana e da vitória de Obama, em que toda a Esquerda Europeia, está a apostar...

Lisboa, 29 de Setembro de 2008